

SOBRE A FANTASIA NOS QUATRO DISCURSOS

Alessandra Fernandes Carreira*

RESUMO: Esse artigo apresenta uma reflexão acerca da fantasia como ela é definida por Freud e Lacan. Para isso a relaciona à escrita dos quatro discursos formulada por Lacan, que a elaborou a fim de tentar apreender a faceta do sujeito que não pode ser apreendida pelo significante, ou seja, o objeto a. Por serem discursos sem palavras, os quatro discursos se revelam como um importante instrumento clínico e teórico na abordagem da fantasia, que se configura como cena onde o sujeito está articulado ao objeto.

PALAVRAS-CHAVE: Fantasia; Quatro Discursos; Freud; Lacan.

ON THE FANTASY IN THE FOUR SPEECHES

ABSTRACT: This article presents a discussion about fantasy as it was defined by Freud and Lacan. For that it is related to the writing of the four speeches made by Lacan, that developed it trying to understand the aspect of the subject that can not be seized by the significant, in other words, the object a. Being speeches without words, the four speeches appear as an important tool in clinical and theoretical approach of fantasy, which is set as scene where the subject is linked to the object.

KEYWORDS: Fantasy; Four Speeches; Freud; Lacan.

* Docente titular do curso de Psicologia da Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP; Pós-doutora pelo Instituto de Estudos da Linguagem – IEL da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Diretora e membro de Lalingua - Espaço de Interlocação em Psicanálise. E-mail: afcarreira@gmail.com

INTRODUÇÃO

“A beleza do mundo tem duas margens, uma do riso e outra da angústia, que cortam o coração em duas metades”, (Virgínia Woolf)

A experiência analítica nos mostra que a fantasia fundamental, enquanto cena traumática que posiciona o sujeito diante do desejo do Outro, não pode ser totalmente traduzida na cadeia de significantes durante uma análise. Ela se configura, antes, como um discurso sem fala. Assim, a fantasia se manifesta como uma atuação do sujeito sob transferência. Tal atuação repete esse posicionamento do sujeito e precisa de um ato, do analista, para ser passível de alguma decifração.

Diante disso, este artigo pretende trazer algumas reflexões sobre a fantasia a partir dos matemas dos quatro discursos desenvolvidos por Lacan em seu seminário “O avesso da psicanálise”, dos anos de 1969-1970, uma vez que tais matemas se propõem a apreender, ainda que parcialmente, justamente isso que escapa ao significante.

2 DESENVOLVIMENTO

A elaboração dos matemas dos quatro discursos por Lacan (1969-1970) pode ser considerada um avanço na formalização da psicanálise. Segundo ele,

Os discursos em apreço nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o *status* existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras. *São discursos sem a palavra*, que vem em seguida alojar-se neles. (LACAN, 1969-1970, p. 158-159, grifo nosso)

Para abordar esses matemas é preciso partir da afirmação de La-

can (1969-1970, p. 82-83) de que o sujeito (\$) é aquilo que emerge entre os significantes, ou seja, “[...] do S1 ao S2, é possível que se abra essa falha que se chama sujeito.”. Dessa operação resulta um resto (a), efeito de rechaço do discurso, o que se perde ao falar e (a)testa a impossibilidade de dizer tudo - faceta real entranhada no simbólico que não pode ser domada pelo imaginário. Assim, “[...] o ser falante de um discurso se encontra determinado como objeto. [...] tal objeto não é nomeável.” (LACAN, 1969-1970, p. 143). É o que a figura 1 a seguir nos mostra:

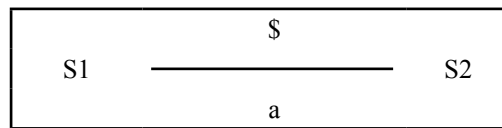


Figura 1 A emergência de \$ e a na cadeia de significantes

Nesse *a*, o que se perde é também o que move o sujeito, reinstalando um vazio que ele contorna incessantemente na busca de se haver com a castração do Outro. Tal castração se configura como uma realidade insatisfatória que, como já nos ensina Freud (1908-1989), a fantasia visa consertar. Mas esse trabalho da fantasia se dá de forma a realizar, sem realizar, esse desejo (FREUD, 1919-1989).

No rastro de Freud, Lacan desenvolveu um matema que escreve logicamente esse trabalho da fantasia. Esse matema foi trazido por Lacan (1966) pela primeira vez em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, mas foi mais intensamente trabalhado em seu seminário dos anos de 1966 e 1967 sobre a lógica da fantasia. Abaixo podemos visualizar esse matema:

$$\$ \diamond a$$

Para Lacan (1966-1967), a fantasia é fundamental, porque busca articular o sujeito (\$) a esse objeto (a) que sempre escapa, mas que se considera como o que poderia pôr fim à falta. A falta, dessa forma, é tomada como falha advinda de uma impotência do sujeito em

atender à demanda do Outro.

Podemos notar na representação acima (figura 1) que, no vão que se forma entre os significantes encontramos, em uma leitura vertical, os elementos da fórmula da fantasia (\$ e a). No vão, mas em vão - já que o intervalo permanece apesar da fantasia. Curiosamente, no Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986), uma das definições do significante “vão” é: o que só existe na fantasia.

Esses quatro elementos presentes na figura 1, Lacan (1969-1970) define da seguinte maneira no seminário sobre os quatro discursos:

- S1: significante mestre (S1);
- S2: saber;
- \$: sujeito;
- a: objeto mais-de-gozar.

Com esses quatro elementos, Lacan (1969-1970) estrutura os matemas dos quatro discursos, que podemos visualizar abaixo:

| | |
|--|--|
| Discurso do Mestre | Discurso Universitário |
| $\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$ | $\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$ |
| Discurso da Histórica | Discurso Analista |
| $\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$ | $\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$ |

Figura 2 Os quatro discursos

Esses quatro elementos circulam por quatro lugares fixos e sempre no sentido horário. Eles se combinam em equações articuladas pelo conectivo lógico da implicação (\rightarrow), advindo da Lógica Proposicional e Predicativa. Tal conectivo estabelece uma relação em que “se x, então y” (DETLEFSEN; MCCARTY; BACON, 2004). Dessa forma, o primeiro algoritmo do matema se estabelece como condição lógica para o segundo. Esses quatro lugares fixos são:

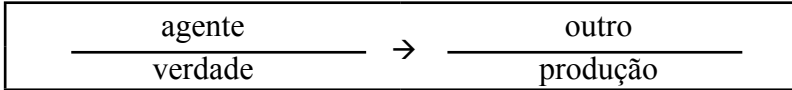


Figura 3 Os quatros lugares nos discursos

É interessante destacar que o seminário “O avesso da psicanálise”, em que Lacan (1969-1970) postula os quatro discursos, foi produzido durante o movimento estudantil francês que ficou conhecido como “os acontecimentos de maio”. Lacan trata esses acontecimentos como um sintoma da política da época, como decorrentes de algo que está ao alcance da psicanálise: o discurso do mestre (LAURENT, 1992), que pode ser considerado o avesso da psicanálise, o avesso do discurso analítico (LACAN, 1969-1970).

Este avesso interessa particularmente à fantasia, porque o discurso do mestre traz os elementos da fórmula da fantasia (\$ e a) em seu denominador (embaixo), enquanto o discurso analítico os traz, em ordem invertida, em seu numerador (em cima).

Como no discurso do mestre os elementos da fantasia estão abaixo da barra, podemos pensar que, nesse discurso, a fantasia está recalçada, inacessível ao eu, que não é senhor na própria casa. A fantasia, então, atua à revelia do eu, estabelecendo uma compulsão à repetição que Lacan (1969-1970) chama de feroz ignorância: uma escravização para fazer o Outro (o senhor) gozar.

Trata-se de um cálculo neurótico, em que o sujeito fica com menos para que o Outro fique com mais (SAURET, 1998). Porém, como ressalta Lacan (1969-1970), é nesse menos que o escravo goza e é ele quem detém o saber sobre o gozo do senhor: “[...] o escravo, por seu trabalho, é quem dá a verdade do senhor, empurrando-o para o fundo.” (LACAN, 1969-1970, p. 162). Estamos diante da lei do sacrifício a um Outro caprichoso, lei materna onipotente, que resvala na questão: “O que o Outro quer de mim?” (LACAN, 1966).

É o desejo de reconhecimento o motor desse sacrifício. Alienado ao desejo do Outro, o sujeito con(some): desaparece como sujeito e se molda como objeto para atender à suposta demanda do Outro.

Trata-se de um engodo: onde ele tem a esperança de recuperar seu gozo, ele faz o Outro gozar, buscando pagar a dívida impagável adquirida em sua entrada no mundo simbólico, afinal: “Alguma coisa tem que ser paga àquele que introduz seu signo.” (LACAN, 1969-1970, p. 149). O sujeito, nesse engodo, está onde não pensa e pensa onde não está (LACAN, 1964; LACAN, 1969-1970).

É em função dessa esperança de gozo que Lacan (1969-1970) irá afirmar que o discurso do mestre tem um estilo capitalista. O discurso do capitalismo pode ser considerado uma subversão do discurso do mestre operada pelo discurso da ciência, a partir de uma modificação no lugar do saber (BARICHELLO, 2007), ou seja, o tudo-saber passou para o lugar do senhor (LACAN, 1969-1970). O capitalista é quem é suposto deter o saber sobre o gozo.

A sociedade contemporânea oferece ao sujeito uma esperança de gozo através daquilo que Lacan (1969-1970) chama de “latusas”. Ele cria esse neologismo a partir da idéia de ato do encontro, trazida por Heidegger, e com a combinação das palavras gregas *latoi* (esquecimento) e *ousia* (o ser). Assim, as “latusas”, também conhecidas como *gadgets*, são pequenos objetos mais-de-gozar, fabricados pelo capitalismo para causar o desejo e impostos como proposições substitutivas para tamponar a falta.

Não obstante, Lacan (1969-1970) nos mostra que, ainda assim, aparecem sulcos na “aletosfera”. Esse neologismo ele cria a partir do grego *aleteia*, que significa a verdade buscada pela Filosofia. A aletosfera pode ser definida como o espaço criado pelas aplicações da ciência, ou a esfera científica que nos rodeia. Nesses sulcos podemos constatar que não há obturação, ela é em vão, e o vão retorna.

Esperança, entretanto, é o outro nome da fantasia (POMMIER, 1992), ou seja, assim como no capitalismo, na neurose o sujeito constrói sua fantasia como esperança de recuperar o gozo que perde ao falar (SAURET, 1998). É essa esperança que o capitalismo aproveita ao criar a ilusão de que oferece ao sujeito o a. É como se o capitalismo escancarasse o objeto ao sujeito, retirando o intervalo (//) que há entre ambos (LACAN, 1969-1970) e suspendendo a sua

divisão subjetiva (BARICHELLO, 2007).

Não obstante, na neurose, é notório como o sujeito se angustia com a proximidade do objeto (LACAN, 1962-1963), pois tal proximidade o eclipsa enquanto sujeito. Torna-se necessária, então, uma estratégia de aproximação do objeto que não culmine no desaparecimento do sujeito, preservando-o diante do desejo do Outro. Tal estratégia encontra-se marcada no matema da fantasia pelo articulador lógico punção (\diamond), que, dentro da Lógica Proposicional e Predicativa, é composto pela conjugação de outros dois (DETLEFSEN; MCCARTY; BACON, 2004):

- \vee : significa disjunção, que pode ser descrita como a transformação de duas frases em uma através do conectivo “ou”, de forma a não restar nem uma nem outra das frases anteriores, mas apenas um composto. No caso específico da disjunção inclusiva, que é adotada por Lacan e referida também pelo termo latino *vel*, um composto é verdadeiro se - e só se - pelo menos uma de suas frases componentes o for (DETLEFSEN; MCCARTY; BACON, 2004). Para Lacan (1964), a disjunção inclusiva é relativa à alienação no desejo do Outro.

- \wedge : significa conjunção, podendo ser considerada como um “e” que também permite formar um composto, mesmo preservando cada uma das frases separadamente (DETLEFSEN; MCCARTY; BACON, 2004). Lacan (1964) toma essa operação lógica como relativa à separação em relação ao desejo do Outro.

Notamos, então, que o articulador lógico escolhido por Lacan para compor o matema da fantasia aponta para uma relação flexível entre o sujeito e o objeto, ou seja, ora o sujeito se dá, ora se furta como objeto ao desejo do Outro, alternando-se em um estado de alienação e separação em relação a esse desejo e constituindo os seus sintomas nesse vai-e-vem. Trata-se do que Virgínia Woolf, sabiamente, chama de *as duas margens que cortam o coração*.

Assim, a fantasia é onde o sujeito pode realizar, sem realizar, a sua doação como objeto ao Outro (DUNKER, 2005). É a angústia

diante da presença do objeto, sinal de perigo para o sujeito, que vai impedir esse último de se entregar definitivamente, como a, ao desejo do Outro. Destarte, podemos afirmar que, na fantasia, o objeto deve causar o desejo continuamente.

Também para o capitalismo isso soa interessante, pois, embora ele ofereça objetos do desejo, ele também lança o sujeito infinitamente a novos objetos, preservando a falta que sustenta o desejo... e o consumo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas articulações, podemos tomar a fantasia como aparecendo, no discurso do mestre, como atuação, mas em uma outra cena, ou seja, latente. Enquanto na cena consciente exposta nos numera(dores), iluminada pelos holofotes, passa-se uma relação de dominação entre o mestre/senhor, como agente, e o saber, como outro/escravo, na cena inconsciente se passa uma relação entre o objeto, como produção visada a ser oferecida, e o sujeito barrado, que se encontra no lugar da verdade: a verdade da castração.

Qual a saída para essa compulsão à repetição que se configura como um discurso do mestre para o sujeito? O avesso, que é assoante com verdade (LACAN, 1969-1970). O avesso do discurso do mestre, como já vimos, é o discurso analítico:

Em se tratando da posição dita do analista [...] é o próprio objeto a que vem no lugar do mandamento. É como idêntico ao objeto a, quer dizer, a isso que se apresenta ao sujeito como a causa do desejo, que o analista se oferece como ponto de mira para essa operação insensata, uma psicanálise, na medida em que ela envereda pelos rastros do desejo de saber. (LACAN, 1969-1970, p. 99).

Assim, no discurso analítico, o analista está no lugar do agente, mas não como mestre. Ele faz semblante de *a*, levando o analisante

($\$$) a dar de encontro com a sua fantasia, que aparece acima da barra, provocando angústia. Essa operação tira o analisante do mundo e lhe abre um acesso para o i-mundo, ou seja, para além da falsa realidade, rumo à realidade fantasmática. Podemos dizer, com isso, que a operação possível no discurso analítico diz respeito à provocação do analisante a articular algum saber sobre de onde ele goza.

A entrada em análise é marcada por um giro no discurso que permite a instalação inaugural do discurso analítico para o analisante. Isso indica necessariamente que na sintaxe da cadeia discursiva (S1-S2) algo da fantasia foi tocado, houve uma desestabilização do que está organizado e consolidado semanticamente (BICALHO, 1997). Mas, para que essa operação se dê, é necessário um ato sem sujeito (LACAN, 1967-1968), um ato movido pelo desejo do analista e desprovido das paixões (amor, ódio e ignorância). Nessa dimensão, onde está o mais-de-gozar do analisante, deve advir o ato analítico.

No discurso analítico, a partir do lugar de agente, o analista faz semblante de a para o analisante, que é o sujeito barrado ($\$$) que está no lugar do outro. Isso pode incitar o analisante à produção de seu significante mestre (S1), que se repete em sua cadeia discursiva. Disso, ele pode vir a articular algum saber (S2). Esse saber está no lugar da verdade. Não se trata de dar conta da verdade com o saber, mas de não recuar diante do desejo e com isso, diante da falta, passar da impotência para a impossibilidade.

REFERÊNCIAS

BARICHELLO, L. **Incidências do discurso do capitalista sobre a língua inglesa e seu ensino**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem – IEL da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2007.

BICALHO, H. Sobre o conceito de letra no ensino de Lacan. In:

CUADERNO de Trabajo Interno para las “Jornadas de la Frontera” - El Trabajo de los Carteles. **Anais...** Foz do Iguaçu, PR: [S. n.], 1997.

DETLEFSEN, M.; McCARTY, D. C.; BACON, J. B. **Glossário de Lógica**. Lisboa: Edições 70, 2004.

DUNKER, C. I. L. Riso e rubor: faces do mesmo fantasma?. In: LEITE, N. V. de A. (Ed.). **Corporeolinguagem: a est-ética do desejo**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p. 135-142.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: STRACHEY, J. (Ed.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1908-1989. v. IX, p.149-158.

_____. Uma criança é espancada - Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1919-1989. v. XVII, p. 225-253.

LACAN, J. **O Seminário de Jacques Lacan, livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 1962-1963.

_____. **O Seminário de Jacques Lacan, livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 1964.

_____. Subversão do Sujeito e Dialética do Desejo no Inconsciente Freudiano. In: **ESCRITOS**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1966. p. 807-842.

_____. **Le Séminaire de Jacques Lacan, livre 15: L'Acte** Psychanalytique. [S. l.]: [S. n.], 1967-1968. (mimeo).

_____. **O Seminário de Jacques Lacan, livro 17: O Averso da** Psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 1969-1970.

_____. **Le Séminaire de Jacques Lacan, livre 14: La logique du** fantasme. [S. l.]: [S. n.], 1966-1967. Mimeografado.

LAURENT, E. Lacan y los discursos. In: LACAN y los discursos. Buenos Aires: Manantial, 1992.

POMMIER, G. **O desenlace de uma análise.** Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1992.

SAURET, M. J. **O Infantil e a Estrutura.** São Paulo, SP: EBP, 1998.

Recebido em: 16 agosto 2008

Aceito em: 19 dezembro 2008